

Bem-Estar Alimentar de Crianças e Adolescentes: A Importância dos Pais na Alfabetização Alimentar

DANIEL FARIA CHAIM

FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FEA
daniel_chaim@usp.br

RODOLFO RODRIGUES ROCHA

FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FEA
rodolfo.rocha@gmail.com

GERALDO LUCIANO TOLEDO

FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FEA
gltoledo@usp.br

BEM-ESTAR ALIMENTAR DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: A IMPORTÂNCIA DOS PAIS NA ALFABETIZAÇÃO ALIMENTAR

1 INTRODUÇÃO

A discussão de assuntos relacionados à alimentação de crianças e adolescentes tem ganhado relevância em todo o mundo nos últimos anos. O problema da obesidade infantil, por exemplo, tem sido amplamente discutido dado seu impacto não só para o indivíduo, mas também para a sociedade como um todo (Ebbeling, Pawlak, & Ludwig, 2002; Koplan, Liverman, & Kraak, 2005). No Brasil, não é diferente. A propaganda de alimentos não-saudáveis para crianças e adolescentes, bem como todo tipo de propaganda direcionada ao público infantil, tem sido questionada pela sociedade e regulamentada pelo poder público (Resolução n. 408, 2009; Resolução n. 163, 2014). Ainda nesse contexto, a comercialização de alimentos nas escolas começa a ser regulamentada em alguns Estados e cidades (Decreto 36.900, 2015; Decreto n. 56.913, 2016; Lei n. 4.352, 2016).

A alimentação de crianças e adolescentes também vem sendo amplamente discutida na academia por pesquisadores de diferentes áreas, como Nutrição, Saúde Pública, Psicologia e Marketing. Entre os temas estudados, podemos citar a qualidade nutricional da dieta de crianças e adolescentes (Bueno, Fisberg, Maximino, Rodrigues, & Fisberg, 2013; Fisberg, Del'Arco, Previdelli, Tosatti, & Nogueira-de-Almeida, 2015), distúrbios alimentares na infância (Naderkoorn, Dassen, Franken, Resch, & Houben, 2015), e como a criança e o adolescente são influenciados na escolha dos alimentos que consomem, que inclui o impacto da propaganda (Dixon, Scully, Wakefield, White, & Crawford, 2007; Boyland & Halford, 2013), o ambiente escolar (Lakkakula, Geaghan, Wong, Zanovec, Pierce, & Tuuri, 2011; Osborne, & Forestell, 2012), e o papel dos pais (Videon & Manning, 2003; Khandpur, Charles, Blaine, Blake, & Davison, 2016).

Mais recentemente, dentro da Pesquisa Transformativa do Consumidor (PTC), um movimento que vem ganhando força na área de Comportamento do Consumidor (David, Ozanne, & Hill, 2016), surgiu o conceito de bem-estar alimentar, definido por Block et al. (2011) como “relação psicológica, física, emocional, e social positiva com os alimentos, tanto no nível individual quanto no nível coletivo” (p.6). Entre os aspectos relacionados ao bem-estar alimentar elencados pelos autores está a alfabetização alimentar. Além do conhecimento nutricional, a alfabetização alimentar também contempla o uso desse conhecimento para maximizar o bem-estar alimentar (Block et al., 2011; Bublitz et al., 2011).

Diante desse contexto, o presente artigo pretende colaborar com a discussão da importância dos pais na alfabetização alimentar das crianças e adolescentes. Para explorar essa relação, utilizamos o tema alimentação saudável, que, apesar de muito debatido, é bastante controverso e carece de uma definição mais amplamente aceita. Assim, abordaremos a alimentação de crianças e adolescentes sob a ótica do bem-estar alimentar, esperando contribuir com o movimento da PTC ao relacionar e debater temas que interessam a indivíduos, sociedade e também a diferentes áreas da academia.

2 PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVO

A partir da contextualização exposta acima, apresentamos nesta seção o problema de pesquisa e o objetivo que orientarão este estudo.

2.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Qual a importância dos pais na alfabetização alimentar das crianças e adolescentes.

2.2 OBJETIVO

Identificar a importância dos pais na alfabetização alimentar das crianças e adolescentes na perspectiva do bem-estar alimentar.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A discussão apresentada por este artigo está fundamentada nos constructos da pesquisa transformativa do consumidor, do bem-estar alimentar e da alfabetização alimentar. Uma compreensão preliminar desses conceitos é relevante para o entendimento das análises realizadas nesse estudo.

3.1 PESQUISA TRANSFORMATIVA DO CONSUMIDOR

As reflexões sobre o que é uma vida boa ou saudável passam por diferentes campos do conhecimento e há muito tempo são de interesse do ser humano. Um importante campo envolvido nessa discussão é o comportamento de consumo de indivíduos e sociedades. Enquanto em regiões subdesenvolvidas e em desenvolvimento milhões de pessoas não têm suas necessidades básicas garantidas, em regiões economicamente vigorosas o consumo atingiu volume e variedades inimagináveis há algumas décadas (Mick, Pettigrew, Pechmann, & Ozanne, 2012). Os autores argumentam que esse padrão de consumo excessivo trouxe consequências negativas aos indivíduos e sociedades, que acabam se comportando de maneira destrutiva.

O interesse pelo estudo do bem-estar do consumidor e das sociedades não é recente, mas, por ser um tema que envolve diferentes áreas do conhecimento e é muito complexo, ele acaba ficando muito fragmentado (Mick et al., 2012). A Pesquisa Transformativa do Consumidor (PTC), termo que surge em Mick (2006) para designar pesquisas em comportamento do consumidor com foco no bem-estar dos indivíduos e sociedades, é hoje um movimento que envolve pesquisadores do mundo todo em pesquisas com foco em temas como consumidores vulneráveis, jogos de azar, alimentação e obesidade, doação de órgãos, entre outros (Davis, Ozanne, & Hill, 2016).

A PTC está comprometida com seis objetivos principais (Mick et al., 2012): 1. Promover o bem-estar; 2. Encorajar a diversidade de paradigmas; 3. Empregar teorias e métodos rigorosos; 4. Evidenciar contextos socioculturais e situacionais; 5. Formar parcerias com consumidores e pesquisadores; e 6. Divulgar os resultados para *stakeholders* relevantes.

3.2 BEM-ESTAR ALIMENTAR

No contexto da PTC, surge a ideia de bem-estar alimentar, que é definido por Block et al. (2011) como “relação psicológica, física, emocional, e social positiva com os alimentos, tanto no nível individual quanto no nível coletivo” (p.6). Os autores sugerem a mudança do estudo da alimentação sob a perspectiva da saúde/nutrição, propondo que a alimentação deve ser entendida como fator que impacta o bem-estar de forma mais ampla, e propõem cinco

componentes do bem-estar alimentar: socialização alimentar, instrução alimentar, marketing de alimentos, disponibilidade alimentar e políticas alimentares.

Ainda no paradigma da PTC, Bublitz et al. (2011; 2012) apresentam o bem-estar alimentar como um contínuo e propõem cinco parâmetros, similares aos cinco componentes propostos anteriormente por Block et al. (2011), para definir onde cada indivíduo se encontra nesse contínuo: fatores sociais, aspectos econômicos, alfabetização alimentar, aspectos emocionais, e traços físicos e psicológicos. Desses parâmetros, o que interessa ao objetivo dessa pesquisa é a alfabetização alimentar.

3.3 ALFABETIZAÇÃO ALIMENTAR

O parâmetro alfabetização alimentar contempla, além do conhecimento nutricional, o uso desse conhecimento para maximizar o bem-estar alimentar (Block et al., 2011; Bublitz et al., 2011; 2012). A proposta de Block et al. (2011), também compartilhada por Bublitz et al. (2011;2012) é de que a alfabetização alimentar possui três componentes principais: 1. O conhecimento conceitual ou declarado, a noção do que é alimentação saudável; 2. O conhecimento processual, ou seja, saber o que é necessário para avançar no sentido do bem-estar alimentar; e 3. A habilidade, oportunidade e motivação para colocar em prática hábitos alimentares saudáveis.

A discussão sobre alfabetização alimentar não é exclusividade dos trabalhos em Comportamento do Consumidor ou PTC. Pelo contrário, o tema é estudado em áreas como Saúde, Nutrição, Educação e Economia Doméstica (Benn, 2014). Dada sua complexidade e controvérsia, Vidgen e Gallegos (2014) realizam uma ampla pesquisa para definir alfabetização alimentar e sugerir seus componentes. Os autores definem alfabetização alimentar como “um conjunto de conhecimentos, habilidades e comportamentos inter-relacionados, necessários para planejar, gerir, selecionar, preparar e comer conforme a necessidade, determinando a ingestão de alimentos” (p. 54). Os componentes da alfabetização alimentar são separados em quatro grandes grupos: 1. Planejar e gerir; 2. Selecionar; 3. Preparar; e 4. Comer (Vidgen & Gallegos, 2014).

Assim como Vidgen e Gallegos (2014), Pendergast e Dewhurst (2012) destacam que é na infância que o processo de alfabetização alimentar se inicia e sugerem que esse seja um período determinante na relação que o indivíduo terá com os alimentos ao longo de sua vida. As principais influências que as crianças recebem nesse sentido são os pais, professores, empresas de alimentos, e escolas (Pendergast & Dewhurst, 2012).

4 METODOLOGIA

Consonante ao objetivo de discutir a importância dos pais na alfabetização alimentar das crianças e adolescentes, a metodologia adotada nesta pesquisa é de natureza exploratória e abordagem qualitativa. Segundo Denzin e Lincoln (2011), a pesquisa qualitativa dá ênfase nas entidades, nos processos e significados que não são examinados por experimentos ou medidos em termos de quantidade, amostra, intensidade ou frequência.

Os dados foram obtidos por meio de questionário estruturado, com perguntas abertas e fechadas, aplicadas a crianças de 10 a 14 anos, conforme será detalhado a seguir. Para analisar as respostas obtidas nas perguntas abertas, usamos análise de conteúdo, inspirada do método proposto por Bardin (2009).

4.1 ESTRUTURAÇÃO DO INSTRUMENTO DE COLETA

O questionário utilizado neste estudo foi estruturado e aplicado como parte da pesquisa que resultou no artigo “Hora do Recreio: A relação de crianças e adolescentes com os alimentos na perspectiva do bem-estar alimentar” (Rocha, Chaim & Veloso, no prelo). Entretanto, naquele momento, os pesquisadores apenas utilizaram as informações de gênero e idade presentes no questionário, pois julgaram mais adequada a combinação de técnicas de observação não participante e entrevista semiestruturada para alcançar o objetivo proposto.

Assim, além de gênero e idade, para o presente estudo foram utilizadas perguntas reproduzidas abaixo:

- Para você, o que é uma alimentação saudável?
- Você tem uma alimentação saudável?
 Sim Não Mais ou Menos Não Sei
- Seus pais conversam com você sobre alimentação? O que eles falam para você sobre esse assunto?

Esse recorte proposto atende ao objetivo desta pesquisa de discutir a importância dos pais na alfabetização alimentar das crianças e adolescentes ao confrontar a opinião das crianças e adolescentes sobre alimentação saudável e o que os pais conversam com elas sobre o assunto. Realizamos um pré-teste do questionário com uma turma de alunos dentro da faixa etária do público-alvo da pesquisa. Testamos o entendimento em relação às perguntas e os incentivamos a darem sugestões. Como resultado, incluímos a opção “Mais ou Menos” para resposta à pergunta “Você tem uma alimentação saudável?”, atendendo às sugestões dos participantes.

4.2 CONTEXTO E PROCEDIMENTO DE COLETA DOS DADOS

Os questionários foram aplicados nos dias 20 e 21 de junho de 2016 em duas escolas particulares das cidades de Guaratinguetá e Lorena, ambas no Estado de São Paulo. As escolas foram definidas por conveniência de acesso dos pesquisadores e por representarem e permitirem maior agrupamento do público-alvo pretendido na pesquisa, ou seja, crianças e adolescentes de 10 a 14 anos.

Foram aplicados 390 questionários no total das duas escolas em todas as turmas de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II, que compreendem a faixa etária pretendida, logo após o intervalo. Os dados foram transcritos tabulados entre setembro e outubro de 2016. Dos questionários aplicados, cinco foram descartados por rasura nas respostas que tornaram a compreensão inviável, totalizando 385 questionários analisados.

4.3 ANÁLISE DOS DADOS

Com inspiração do método proposto por Bardin (2009), a análise de conteúdo realizada neste estudo seguiu os seguintes passos:

1. Cada um dos pesquisadores analisou as respostas individualmente e sugeriram categorias para a classificação dos assuntos identificados nas respostas;

2. A primeira etapa da análise resultou em um total de 20 categorias, que foram reduzidas para 10 após discussão entre os pesquisadores para agrupamento, eliminação ou inclusão de categorias;
3. Os pesquisadores, individualmente, analisaram e classificaram novamente as respostas considerando as 10 categorias definidas no Passo 2;
4. O total de respostas de cada categoria identificado pelos pesquisadores foi somado e, para viabilizar a análise, foi realizada a média aritmética e calculada a porcentagem de aparição de cada categoria de assunto nas respostas.

As 10 categorias usadas nas análises e a definição dada pelos pesquisadores para identificação delas nas respostas foram:

- Normativo/Restritivo: Sugerem o que se pode ou não comer;
- Saúde: Representem bem-estar, prevenções de doenças e preocupação com o futuro;
- Atividade Física: Relacionam alimentação com práticas esportivas e atividades físicas;
- Variedade/Equilíbrio: Respostas que incluem “prato colorido”, “comer de tudo um pouco” ou “comer com equilíbrio”, entre outras similares;
- Emagrecer/Engordar: Expressões de alimentos que engordam ou emagrecem;
- Quantidade: Tanto para excesso quanto para carência;
- Horário/Frequência: Expressões de alimentação na hora certa ou com determinada frequência;
- Frutas, verduras, orgânicos, naturais etc.: Respostas que citam especificamente algumas frutas, verduras ou legumes, até respostas mais abrangentes como alimentos orgânicos ou naturais;
- Água: Expressões que relacionam a alimentação com ingestão de água;
- Respostas Genéricas: Respostas vagas como “comer bem”, “se alimentar melhor” ou “comer alimentos saudáveis”, entre outras análogas.

Esse processo proposto permite aos pesquisadores analisar relações e conteúdos que auxiliam na interpretação de uma realidade como uma montagem ou bricolagem entre os dados obtidos conforme sugerem Denzin & Lincoln (2011).

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Ao todo, foram analisados 385 questionários. O perfil dos respondentes é apresentado na Tabela 1. Algumas perguntas, como a que pedia para indicar o gênero, não foram respondidas. Por isso, alguns dos resultados que serão apresentados não somam os 385 questionários respondidos.

Tabela 1 – Perfil dos Respondentes

Gênero		
	<i>Total</i>	<i>%</i>
<i>Masculino</i>	198	52%
<i>Feminino</i>	186	48%
Idade		
	<i>Total</i>	<i>%</i>
<i>10-11 anos</i>	90	23%
<i>12 anos</i>	111	29%
<i>13-14 anos</i>	184	48%

Fonte: Elaborada pelos autores.

As informações de idade e gênero foram analisadas em conjunto com as respostas para as quatro perguntas do questionário. Como não observamos variação relevante entre os grupos, todas as análises foram realizadas com base no total de respostas.

5.1 OPINIÃO DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES

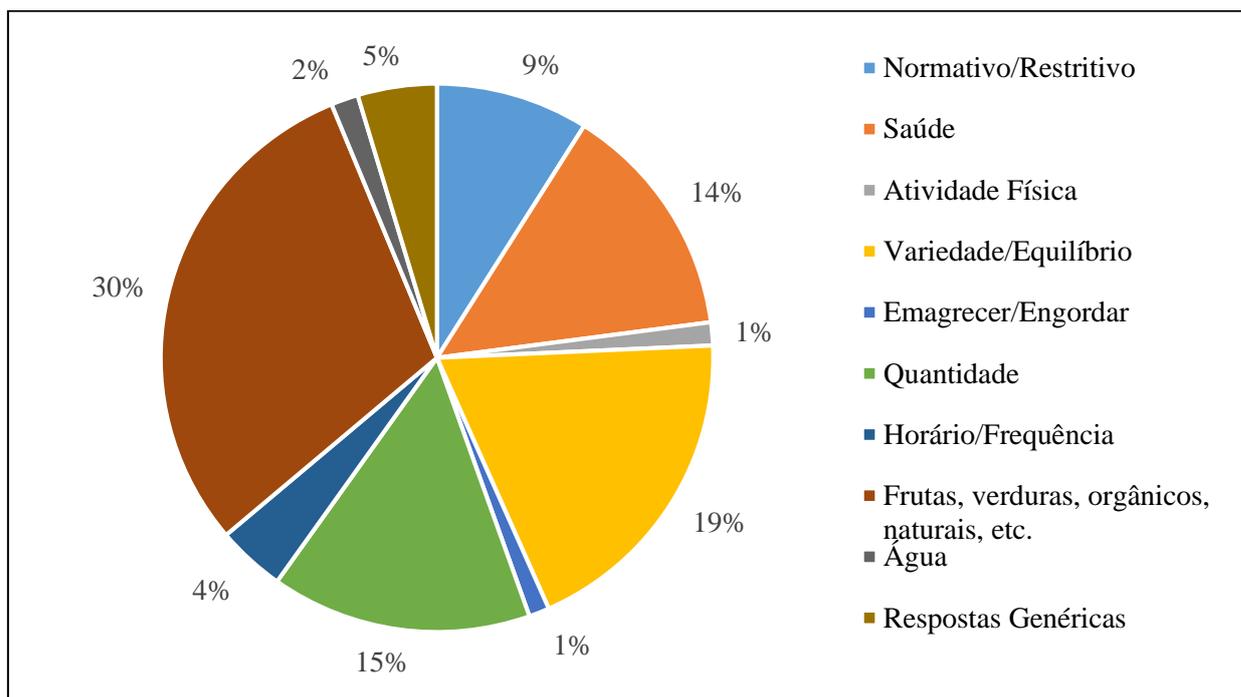
Neste item, apresentamos a análise das respostas às perguntas: “Para você, o que é uma alimentação saudável?” e “Você tem uma alimentação saudável?”. A Figura 1 resume a porcentagem de aparição de cada categoria nas respostas após o procedimento de análise apresentado anteriormente.

A categoria “Frutas, verduras, orgânicos, naturais etc.” se destacou, aparecendo em 30% das respostas. Isso aponta para o que Block et al. (2011) apresentam como o paradigma antigo da alimentação, onde a associação que prevalece é entre comida e saúde, com indicação do que comer e do que não comer.

Por outro lado, a categoria “Variedade/Equilíbrio” é a segunda que mais aparece nas respostas, com 19%. Essa categoria já está mais alinhada com a proposta de bem-estar alimentar de Block et al. (2011).

Em seguida, as categorias “Quantidade” e “Saúde” aparecem quase com a mesma porcentagem, 15% e 14%, respectivamente. As respostas que envolvem quantões de quantidade indicaram a opinião das crianças de que não se pode exagerar na ingestão de alimentos, bem como comer pouco também é prejudicial. Assim, podemos colocar essa categoria no paradigma do bem-estar alimentar proposto por Block et al. (2011). Já a categoria “Saúde” é a mais característica do que os autores chamam de paradigma antigo.

Figura 1 – Opinião das Crianças e Adolescentes



Fonte: Elaborada pelos autores.

As respostas à pergunta “Você tem uma alimentação saudável?” ficaram distribuídas conforme pode ser observado na Tabela 2.

Tabela 2 – Crianças e Adolescentes x Alimentação Saudável

Você tem uma alimentação saudável?		
	<i>Total</i>	<i>%</i>
Sim	101	26%
Não	41	11%
Mais ou Menos	233	61%
Não Sei	9	2%

Fonte: Elaborada pelos autores.

A maioria de respostas “Mais ou Menos”, do ponto de vista da alfabetização alimentar (Block et al., 2011; Bublitz et al., 2011; 2012), pode ser entendida como as crianças e adolescentes no nível em que sabem o que seria uma alimentação saudável, mas ainda não maximizam o bem-estar alimentar adotando práticas saudáveis de alimentação.

5.2 IMPORTÂNCIA DOS PAIS

Pendergast e Dewhurst (2012) colocam a influência dos pais como uma das mais importantes na alfabetização alimentar de crianças e adolescentes. A Tabela 3 torna claro que os pais conversam com os filhos sobre alimentação, corroborando com a afirmação dos autores.

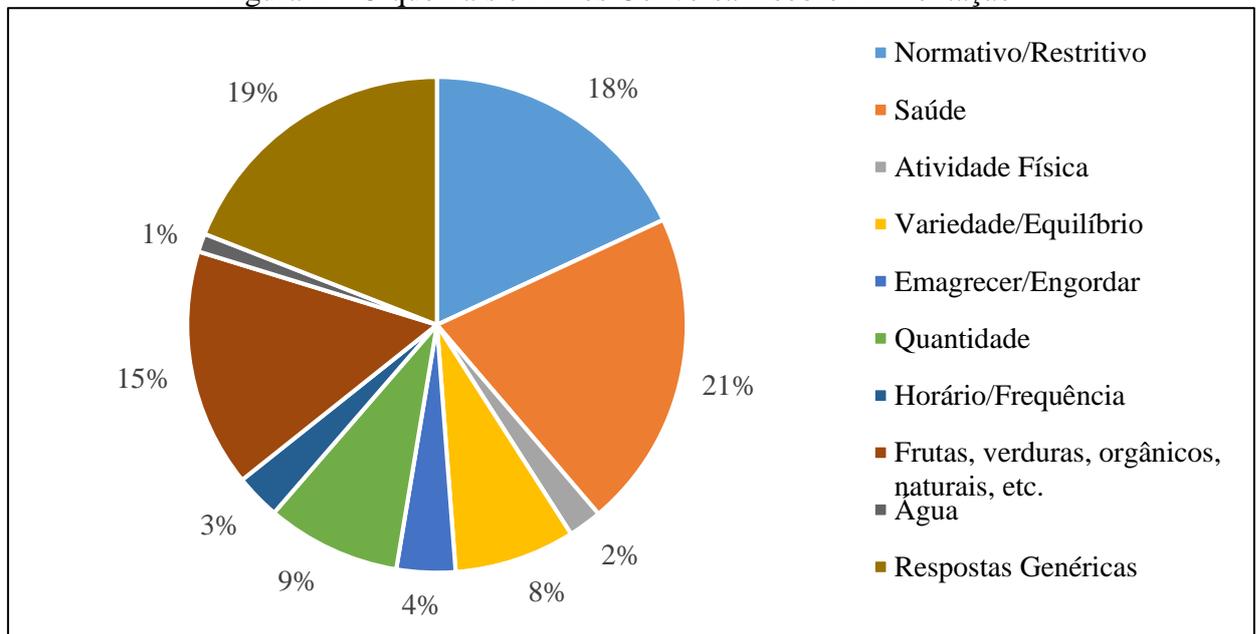
Tabela 3 – Pais, Filhos e Alimentação

Seus pais conversam com você sobre alimentação?		
	<i>Total</i>	<i>%</i>
Sim	312	81%
Não	71	19%

Fonte: Elaborada pelos Autores.

Já a Figura 2, traz os assuntos relacionados à alimentação que os pais conversam com os filhos. As categorias utilizadas para análise são as mesmas utilizadas para analisar a opinião das crianças e adolescentes sobre alimentação saudável. Assim, é possível identificar a importância dos pais na alfabetização e bem-estar alimentar dos filhos.

Figura 2 – O que Pais e Filhos Conversam sobre Alimentação



Fonte: Elaborada pelos autores.

A categoria “Saúde” foi a que mais surgiu nos assuntos que as crianças e adolescente dizem que seus pais conversam sobre alimentação, em 21% das respostas. Desconsiderando as respostas genéricas, a segunda categoria mais relevante é a “Normativo/Restritivo”, algo que poderia ser esperado por se tratar da relação entre pais e filho. Na sequência, outra categoria

que podemos enquadrar no paradigma antigo definido pelos autores, e que aparece em 15% das respostas é “Frutas, verduras, orgânicos, naturais etc.”.

6 CONCLUSÃO

A combinação das análises sugere que o diálogo sobre alimentação entre pais e filhos ainda ocorre no contexto antigo de alimentação descrito por Block et al. (2011). Como foram coletadas e analisadas apenas a opinião de crianças e adolescentes sobre isso, uma limitação pode ser colocada nesse sentido. A sugestão seria realizar uma pesquisa semelhante, porém, entrevistando múltiplos membros da mesma família, como sugerem Commuri e Gentry (2000).

Ao analisar a opinião das crianças e adolescentes sobre alimentação, ao contrário do que conversam com os pais, surgem assuntos que estão no paradigma do bem-estar alimentar (Block et al. 2011) emergem como relevantes. Isso pode indicar que as crianças e adolescentes também recebem outras influências, que podem vir da escola, como apontam Pendergast e Dewhurst (2012). O fato de não contemplarmos o ponto de vista da escola também pode ser colocado como limitação desse trabalho e, como consequência, também ser considerado uma oportunidade para pesquisas futuras.

Este trabalho se propôs identificar a importância dos pais na alfabetização alimentar das crianças e adolescentes e buscou contribuir com o entendimento do conceito de alfabetização alimentar e alimentação saudável com uma categorização que pode auxiliar a definição dos termos, classificações e mensurações nas áreas que se interessam pelo tema.

Dentro da área de Marketing, mais especificamente em Comportamento do Consumidor, este trabalho contribui para o avanço da PTC ao explorar o parâmetro da alfabetização alimentar presente nos trabalhos que tratam do bem-estar alimentar (Block et al., 2011; Bublitz et al., 2011; 2012).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Benn, J. (2014). Food, nutrition or cooking literacy: A review of concepts and competencies regarding food education. *International Journal of Home Economics*, 7(1), 13-35.

Block, L. G., Grier, S. A., Childers, T. L., Davis, B., Ebert, J. E. J., Kumanyika, S., ... Bieshaar, M. N. G. G. (2011). From nutrients to nurturance: A conceptual introduction to food well-being. *Journal of Public Policy & Marketing*, 30(1), 5-13.

Boyland, E. J., & Halford, J. C. G. (2013). Television advertising and branding: Effects on eating behaviour and food preferences in children. *Appetite*, 62, 236-241.

Bublitz, M. G., Peracchio, L. A., Andreasen, A. R., Kees, J., Kidwell, B., Miller, E. G., ... & Vallen, B. (2011). The quest for eating right: Advancing food well-being. *Journal of Research for Consumers*, (19), 1-12.

- Bublitz, M. G., Peracchio, L. A., Andreasen, A. R., Kees, J., Kidwell, B., Miller, E. G., ... & Vallen, B. (2012). Promoting positive change: advancing the food well-being paradigm. *Journal of Business Research*, 66(8), 1211-1218.
- Bueno, M. M., Fisberg, R. M., Maximino, P., Rodrigues, G. P., & Fisberg, M. (2013). Nutritional risk among Brazilian children 2 to 6 years old: A multicenter study. *Nutrition*, 29, 405-410.
- Commuri, S., & Gentry, J. W. (2000). Opportunities for family research in marketing. *Academy of Marketing Science Review*, 2000(8), 0-34.
- Davis, B., Ozanne, J. L., & Hill, R. P. (2016). The transformative consumer research movement. *Journal of Public Policy & Marketing*, 35(2), 159-169.
- Decreto 36.900, de 23 de novembro de 2015. (2015, 24 de novembro). *Diário Oficial do Distrito Federal*, n. 225.
- Decreto n. 56.913, de 05 de abril de 2016. (2016, 06 de abril). *Diário Oficial da Cidade de São Paulo*, Ano 61, n. 63.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2011). The Discipline and practice of qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *The SAGE handbook of qualitative research*. (pp. 1-19). Thousand Oaks: SAGE Publications.
- Dixon, H. G., Scully, M. L., Wakefield, M. A., White, V. M., & Crawford, D. A. (2007). The effects of television advertisements for junk food versus nutritious food on children's food attitudes and preferences. *Social Science & Medicine*, 65, 1311-1323.
- Ebbeling, C. B., Pawlak, D. B., & Ludwig, D. S. (2002). Childhood obesity: Public-health crisis, common sense cure. *Lancet*, 360, 473-82.
- Fisberg, M., Del'Arco, A. P. W. T., Previdelli, A., Tosatti, A. M. & Nogueira-de-Almeida, C. A. (2015). Hábito alimentar nos lanches intermediários de crianças pré-escolares brasileiras: Estudo em amostra nacional representativa. *International Journal of Nutrology*, 8(4), 58-71.
- Khandpur, N., Charles, J., Blaine, R. E., Blake, C., & Davison, K. (2016). Diversity in fathers' food parenting practices: A qualitative exploration within a heterogeneous sample. *Appetite*, 111, 134-145.
- Koplan, J. P., Liverman, C. T., & Kraak, V. I. (2005). Preventing childhood obesity: Health in the balance: Executive summary. *Journal of the American Dietetic Association*, 105 (1), 131-138.
- Lakkakula, A., Geaghan, J. P., Wong, W. P., Zanovec, M., Pierce, S. H., & Tuuri, G. (2011). A cafeteria-based tasting program increased liking of fruits and vegetables by lower, middle and upper elementary school-age children. *Appetite*, 57, 299-302.
- Lei n. 4.352, de 05 de julho de 2016. (2016, 05 de julho). *Diário Oficial do Estado do Amazonas*, n. 33.317.

Mick, D. G. (2006). Meaning and mattering through transformative consumer research. *Advances in Consumer Research*, 33, 1-4.

Mick, D. G., Pettigrew, S., Pechmann, C., & Ozanne, J. L. (2012). *Transformative consumer research: For personal and collective well-being*. New York: Taylor & Francis.

Naderkoorn, C., Dassen, F. C. M., Franken, L., Resch, C., & Houben, K. (2015). Impulsivity and overeating in children in the absence and presence of hunger. *Appetite*, 93, 57-61.

Osborne, C. L., & Forestell, C. A. (2012). Increasing children's consumption of fruit and vegetables: Does the type of exposure matter? *Physiology & Behavior*, 106, 362-368.

Pendergast, D., & Dewhurst, Y. (2012). Home Economics and food literacy: An international investigation. *International Journal of Home Economics*, 5(2), 245-263.

Resolução n. 408, de 11 de dezembro 2008. (2009, 09 de março). *Diário Oficial da União*, Seção 1.

Resolução n. 163, de 13 de março 2014. (2014, 04 de abril). *Diário Oficial da União*, Seção 1.

Rocha, R. R., Chaim, D. F., & Veloso, A. R. (no prelo). Hora do recreio: A relação de crianças e adolescentes com os alimentos na perspectiva do bem-estar alimentar. *Revista Brasileira de Marketing*.

Videon, T. M., & Manning, C. K. (2003). Influences on adolescent eating patterns: The importance of family meals. *Journal of Adolescent Health*, 32(5), 365-373.

Vidgen, H. A., & Gallegos, D. (2014). Defining food literacy and its components. *Appetite*, 76, 50-59.